

ARTIGOS

OS ALTOS RENDIMENTOS DA MINERAÇÃO NA HISPÂNIA ROMANA (206 a.C.-166 a.C.).

MARIA DA GLÓRIA ALVES PORTAL

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Este estudo pretende destacar como a mineração contribuiu para que a Hispânia fosse, em realidade, uma colônia de exploração. Para tanto, realizou-se um levantamento das remessas de metais preciosos da Hispânia para Roma, mencionadas por Tito Lívio.

Para permitir maior visualização do fenômeno, foram traçados gráficos representativos das quantidades de ouro, prata e moedas que saíram da Ibéria para Roma no período republicano que se estende de 206 a. C. a 166 a. C. (1).

* * *

A Hispânia, rica em minerais, transformou-se para Roma numa verdadeira colônia de exploração (2).

(1). — A elaboração dos gráficos deve-se ao Prof. Isaac Portal Roldán, a quem, de público, externo minha gratidão.

(2). — Leroy-Beaulieu, *De la colonisation chez les Peuples Modernes*. Paris, 5a. ed. 1902, t. II, pp. 563 e ss; Novais (Fernando A.), *Colonização e Sistema Colonial: Discussão de Conceitos e Perspectiva Histórica*, in *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História: Colonização e Migração*, organizado pelo Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula, 1969, pp. 234 e ss; Colônias de exploração são aquelas capazes de produzir mercadorias de exportação. Mercadorias de que a metrópole carece. Invertem-se grandes somas de capital e mão-de-obra escrava e imigrada. A riqueza destas colônias multiplica-se rapidamente. A prosperidade é vulnerável a crises.

QUADRO 1
QUANTIDADES DE OURO E PRATA TRAZIDAS DA HISPÂNIA PARA ROMA ENTRE 206 a.C. e 168 a.C.

T. LÍVIO	A N O	OURO (libras)	PRATA (libras)	MOEDAS DE PRATA (Denários: bigatus e aescensae)	PORTADOR
XXVIII , 38	206	-	14 340	Grande Quantidade	P. Cipião
XXXI , 20	200	2 450	44 000		L. Cornélio Léntulo
XXXII , 7	199	300	1 200		L. Mânlio Acidino
XXXIII , 27	196	1 515	20 000	34 550	Cn. Cornélio Léntulo
	196	-	50 000	-	L. Stertínio
XXXIV , 10	195	-	14 732	17 023	M. Hélvio
				120 438	
	195	-	34 800	78 000 278 000	Q. Minúcio
XXXIV , 46	194	1 400	25 000	123 000	Catão
				540	
XXXVI , 21	191	127	12 000	130 000	M. Fúlvio Nobilior
XXXIX , 29	185	184	16 300	-	L. Mânlio
	185	80	40 000	-	Q. Fábio
XXXIX , 42	184	83	12 000	-	C. Calpúrnio Pisão
	184	83	12 000	-	L. Quíncio Crispino
XL , 16	182	147	9 320	-	Terêncio
XL , 43	180	-155	20 000	173 200	Q. Fúlvio Flaco
XLI , 11	178	-	40 000	-	T. Graco
	178	-	20 000	-	Albino
XLI , 33	174	5 000	10 000	-	Ap. Cláudio Centho
XLV , 4	168	10	-	250 000	M. Marcelo

“QUAEREBAT ARGENTUM AVARITIA”, diz Plínio (3).

As fontes indicam que cada vez mais a cobiça procurou as zonas mineiras e as explorou. Quando o centro de gravidade econômico deixou de ser a Hispânia e a Britânia, a província Dácia constituiu-se no armazém do ocidente romano. Foi o novo foco de exploração (4).

Autores gregos e latinos foram pródigos em elogios à riqueza da Hispânia. O nome já técnico de LAUDES HISPANIAE designa a série de elogios à riqueza da Ibéria — não só em produtos agrícolas, mas também metalúrgicos, pecuários e, inclusive, industriais — que se encontram profusamente em muitos escritores da época romana.

A Hispânia “graças ao seu calor temperado de uma parte, e de outra às chuvas benfazejas e regulares, é fecunda em produção de toda espécie; ela fornece tudo em abundância não somente a seus próprios habitantes, mas ainda à Itália... Produz grande quantidade, não somente de trigo, mas ainda de vinho, mel e óleo. Encontram-se em particular as minas...” (5).

Os *laudes* são aplicáveis apenas a uma parte da Península: Bética, região leste e Lusitânia. A meseta central que forma a maior parte da Ibéria não participa em nada dos elogios climáticos que lhe faz Justino e ainda os produtos que atribui à península, só em parte existiam. Mas, na sua parte sul a meseta possui metais, que igualmente aparecem ao norte da mesma, mas de maneira mais escassa.

“A região setentrional além do duplo inconveniente de um solo muito áspero e de um clima extremamente frio, deve ainda

(3). — C. Plinii Secundi, *Historiarum Mundi*. Paris, Editora C. L. F. Panckouche, 1833, livro XXXIII, *Metallorum Nature*, vol. 19, p. 5.

(4). — Carcopino, (Jérôme), *L'or des Daces*, in *Points de vue sur l'Impérialisme Romain*, p. 82 e ss; Paribeni (R.), *Optimus Princeps, Saggio sulla storia e sui tempi dell'Imperatore Traiano*, Messina, 1926, I pp. 320, 321 (micro-filme): “Traiano del resto sembrava essersi occupato assai attivamente di miniere... I distretti auriferi di Dacia erano intorno ad Ampelum (mod. Zalatna) dove pare risiedesse il procuratore, presso Brucla (mod. Nagy-Enyed), dove è memoria di un *collegium aurariarum* (C. I. L. III, 941)”. Deveria haver também exploração privada, do contrário não haveria razão para aludir-se a um *collegium aurariarum*. Coexistiam, lado a lado, as explorações estatais e particulares. Ainda sobre o assunto: Daicovicu (C.), *La Transylvanie dans l'Antiquité*. Bucarest, 1945 (micro-filme), cap. II: *La Dacie Romaine*, pp. 75 a 187.

(5). — Justino, *Histoires Philippiques*, XLIV, I, 4, 5. Paris, Garnier, 1936, II, p. 265. (Especialmente sobre a riqueza da Lusitânia: XLIV, III. Sobre o país montanhoso dos tartésicos: XLIV, IV, pp. 269 a 275).

a sua situação ao longo do oceano o fato de ser absolutamente privada de relações e de comunicações..." (6).

Entretanto, do Mar Cantábrico a Trás-os-Montes, passando por Oviedo, Lugo, León, Orense e Zamora, estendia-se a região aurífera por excelência na época romana (7).

Estrabão (livro III) descreve a Ibéria e as ilhas situadas em suas costas. O capítulo II é uma apologia à Turdetânia. O autor põe em realce: as condições geográficas; o número de cidades (200) e a densidade populacional; a função econômica das cidades ligada à sua situação geográfica e à diversidade de recursos. Cita os produtos: trigo, vinho em grande quantidade, muito óleo excelente, cera, mel, resina, quermes, cinabre (8) e sua exportação. Não cita pastagens, pesca, conservas, púrpura, sal, lãs negras. Salienta ainda diferentes recursos em minerais: minas de chumbo, filões de cobre e ouro na Serra Morena. Estes recursos haviam determinado, nesta rica região mineira, uma indústria extrativa bem anterior à conquista romana, mas que foi reforçada pela ação dos capitalistas italianos.

"Em nenhum lugar até hoje encontrou-se ouro, prata, cobre e ferro em estado nativo em tais condições de abundância e de pureza. Quanto ao ouro, não se extrai somente das minas, mas igualmente do leito dos rios, por meio da draga". (Estrabão, III, 2, 8).

"Quase todas as províncias nos fornecem a prata, mas é da Espanha que vem a melhor" (9).

Políbio (citado por Estrabão, III, II, 10) diz que as minas de prata de Cartagena abrangiam um círculo de 400 estádios, ocupavam 40 mil homens e pagavam diariamente 25 mil dracmas ao erário do povo romano.

Os autores da época romana não pouparam elogios à Hispânia, e na Idade Média, Isidoro de Sevilha ainda salienta essas riquezas.

(6). — Estrabão, *Géographie*, III, 2. Paris, Hachette, 3a. ed., 1909, p. 291.

(7). — Menéndez Pidal (Ramón), *Historia de España*. Madrid, Espasa Calpe, 2a. ed., 1954, t. II: *España Romana*, p. 331 (mapa).

(8). — Do cinabre (sulfeto de mercúrio), extrai-se o mercúrio (hidrargírio) exclusivamente empregado na época, para cobrir a prata, segundo Plínio, o Antigo, *op. cit.*, XXXIII, 39, vol. 19, p. 86.

(9). — Isidorus Hispalensis Episcopus, *Etymologiarum*, ex libro XVI: Cátedra S. Isidoro, León, 1970, pp. 79 e 87, tratando, respectivamente, do ferro e do chumbo.



A administração implantada por Roma na Hispânia, a construção de estradas, o uso do latim e o comércio, não são, no fundo, mais que o resultado da exploração de suas riquezas.

Roma, desde as suas origens até a data em que balisamos o início deste trabalho (206 a. C.), viu sua economia subordinada à intervenção do grupo e da cidade. Mas na época da expansão romana para fora da Itália, assiste-se, sem dúvida, a uma fase de economia individual, de tendência liberal.

Só posteriormente, no Baixo Império, a intensa atividade econômica livre e privada cede lugar a um rígido controle por parte do Estado. Cria-se um mecanismo para a organização da produção e do comércio. As associações livres foram transformadas em organismos com rígidas regulamentações. O processo desta organização afetará toda a vida econômica e social, alcançando tanto as províncias como a Itália, coração do Império (10).

Evidente está que o capitalismo assume significado diferente quando abraçado em sociedade em diferentes estágios de evolução de suas forças produtivas (11).

Não se pretende ver no mundo babilônico ou fenício, grego ou romano as condições sócio-econômicas, ou políticas, da época contemporânea, as mesmas causas com os mesmos efeitos, as mesmas instituições com as mesmas vantagens e inconvenientes. Acontecimentos nitidamente semelhantes, mas ocorridos em meios históricos diferentes, levam a resultados completamente diversos.

Mas cabe aqui lembrar o ensinamento de E. H. Carr (12):

“estudando cada processo separadamente e depois comparando-os, pode-se encontrar a chave para a compreensão do fenômeno”.

(10). — Postan (M.), Rich (E. E.), *Historia Económica de Eúropa*, Madri, Rev. de Derecho Privado, 1967, vol. II, cap. II, pp. 49 e ss.

(11). — Entendemos por forças produtivas: “O conjunto das leis do Estado; seu poder político; a manutenção da segurança nacional e da ordem pública; o conjunto das instituições políticas, das forças morais, religiosas e intelectuais; a cooperação harmoniosa entre a indústria, a agricultura e o comércio. É o conceito de Frederico List, in Hugon (Paul), *História das Doutrinas Económicas*, S. P., ed. Atlas, 7a. ed., p. 404.

(12). — *What is History?* Londres, 1961.

Este autor não pretende que se busquem leis básicas (o conceito de lei natural, em História, está há muito ultrapassado), mas, que se inquiram como as coisas funcionam. Não fala em previsão, sim em probabilidade.

Uma economia, como a antiga, na qual o salário não tinha importância predominante, onde havia fraca divisão do trabalho e onde não havia grandes mercados para absorverem produtos industrializados, uma vez que existiam poucos assalariados, teve sobre a organização social e sobre as instituições políticas e jurídicas uma influência diferente da que exerce a economia capitalista moderna.

Na Antigüidade, não se encontra interdependência estreita entre a indústria, a agricultura e o comércio. O conjunto das instituições não só diferiu nas civilizações antigas como variou no próprio transcorrer da história de um mesmo povo.

O progresso é real, embora não seja contínuo. A curva ascendente resolve-se numa série de depressões e elevações. Por outro lado, uma mesma civilização não apresenta, cronologicamente, a mesma curva; seria necessário distinguir as diversas áreas culturais.

Os trabalhadores, na Antigüidade, eram geralmente escravos que, sustentados pelos patrões, não recebiam salários; ou, artesãos que possuindo meios de produção trabalhavam sob encomenda ou em previsão desta. O capital técnico consistia em instrumentos grosseiros, rudimentares. O artesão entrava em contacto directo com o consumidor que encomendava o trabalho e fornecia, muitas vezes, adiantamento da matéria-prima. O artesão, outras vezes, ia vender seu produto directamente no mercado, ou cedia-o aos negociantes. Entretanto, pode-se ver manifestação de espírito capitalista nos artesãos que, para atenderem às encomendas, ocupavam trabalhadores assalariados, compravam ou alugavam escravos. O artesão podia trabalhar entre eles ou assumir a direcção técnica ou administrativa: mas já calculava, organizava a produção em espécies de mercadorias, o que constitui sem dúvida manifestação do espírito capitalista (13).

(13). — Mesmo no conceito de Max Weber: *Concepto y premisas del capitalismo*, in *Historia Económica General*, México, ed. Fondo de Cultura Económica, p. 237. E, ainda, no conceito marxista, uma vez que se apropriava de uma parte do produzido pelo operário, (a quem ele hospedava e nutria, ou a quem pagava um salário, fornecendo-lhe a matéria-prima e utensílios); Salvioni (G.), *Capitalisme dans le Monde Antique*. Paris, Girard, 1906. Rostovtzeff (M.), *The Social and Economic History of the Roman Empire*. Oxford, Clarendon Press, 2a. ed., 1963, 2 vol., usa a palavra capitalismo no seu sentido mais amplo, vendo-o até na economia agrícola.

Pesquisas (14) trouxeram à luz estelas que mostram artesãos de todos os ofícios que pululavam nas cidades. Muitos se agrupavam em *collegia* com finalidade funerária. Mas a grande produção fazia-se em oficinas, ao que tudo indica, de tipo capitalista (15).

A Arqueologia e a Epigrafia evocam a existência de redes de trocas entre as cidades, com movimentos de mercadores e, também precisam as atividades mais lucrativas: comércio de vinhos, de óleos, de minerais, de produtos de luxo. Sobre o capitalismo comercial e mineiro interessantes documentos vêm sendo estudados (16).

As trocas internacionais foram se constituindo na razão de ser da economia romana, tal como se dera na época clássica grega com Atenas, a grande vitoriosa das guerras greco-pérsicas (17).

* * *

A grande riqueza advinha da exploração das terras alheias. Durante muito tempo Roma possuiu pouco ouro. Quando os gauleses invadiram Roma e para se retirarem venderam a paz, não encontraram senão 1.000 libras (18). Foram as conquistas as grandes responsáveis pela transformação da estrutura econômica e dos costumes (19).

O Estado recebia grandes quantidades de metais preciosos, cunhados ou não. Progredindo a riqueza mobiliária (20), tornara-se a causa e a consequência do aumento das fortunas particulares. Adquiria-se a fortuna empregando-se capitais de diversas formas, de maneira que a eles se aduzisse o máximo rendimento. Por outro lado, com as con-

(14). — Clavel (M.), Lévêque, (P.), *Villes et Structures Urbaines dans l'Occident Romain*. Paris, Colin, 1971, p. 53.

(15). — *Ibidem*.

(16). — *Ibidem*, pp. 327, 328. Trata-se de "*Saumons de plomb estampillés au nom des Planiï*". Documentos apreciáveis para estudo do tráfico do chumbo argentífero e do capitalismo mineiro.

(17). — Xenofonte, *La República de Atenas. Las Rentas del Atica*, in *Historia Grega*. Barcelona, Iberia, 1956, vol. I, pp. 283 a 296 e vol. II, pp. 289 a 308.

(18). — Plínio, o Antigo, XXXIII, *op. cit.*, vol. 19, p. 13.

(19). — *Idem*, XXXIII, VI, vol. 19, p. 17: o uso de anéis só se tornou freqüente no começo da terceira guerra púnica.

(20). — Tito Lívio, *Historia Romana*, XXXIV, 1, 2 e 3, p. 360. Buenos Aires, "El Ateneo", 1955. Sobre o progresso da riqueza mobiliária é convincente o fato relatado por Lívio. Quando se tratou de revogar a Lei Opia, as mulheres tiveram audaciosa reação. O parágrafo 3 termina nestes termos: "... não queremos que se ponham limites a nossos gastos, nem a nosso luxo". Plínio, o Antigo, XXXIII, VI, vol. 19, p. 17: "... via-se uma fortuna inteira brilhar no dedo de um homem".

quistas, grandes extensões de terra passaram a ser propriedade do Estado Romano. Todos os cidadãos que intervieram na conquista obtiveram grandes riquezas.

Os chefes dos exércitos, membros da classe Senatorial, foram os que obtiveram maiores ganhos. A administração das províncias converteu-se em verdadeira fonte de renda.

Assim, chegava-se a enriquecer, por exemplo, empregando diversos tipos de usura (21), pela exploração de missões provinciais (22), pela formação de sociedades de diversos tipos (23) e através da exploração mineira (24).

A gigantesca colonização de elementos itálicos a que foi submetida a Hispânia foi o resultado da exploração peninsular.

As fontes confirmam que nos séculos II e I a. C. a exploração das minas hispânicas foi realizada por itálicos do sul da península.

Já se viu que na época de Políbio as célebres minas de Cartagena haviam passado às mãos de particulares, segundo refere Estrabão (III, II, 10), citando o próprio Políbio.

Não se sabe quando isto ocorreu mas, ela não pode ter atingido o direito de propriedade eminente do Estado. Entretanto, os exploradores não deixavam de ser os “possessores”.

(21). — Catão, *Res Rustica*, Int. in *Les Agronomes Latins*. Paris. J. J. Dubochet, 1844, p. 1: “O comércio seria uma carreira lucrativa se não fosse tão arriscado; o mesmo aconteceria com a usura se esta atividade fosse tão honesta quanto é vantajosa”.

(22). — Plínio, o Jovem, *Lettres*, III, IX. Paris, Garnier, I, p. 169: “Triunfo! Triunfo! Libertei-me das minhas dívidas; obtive 4 milhões de sestércios pela venda de uma parte dos habitantes da Bética”. Plutarco, *Vidas Paralelas*, *Caio Júlio César*, XII, Barcelona. Iberia. Vol. III, p. 401: “... deixou a província ele próprio rico e havendo contribuído para melhorar a sorte dos seus soldados, por quem foi saudado Imperador”.

(23). — Plínio, o Antigo, XXXIII, 118. Tratando do mercúrio de Sisapo (Almadén) diz “... Com o fim de que não alcance preços muito altos, uma lei fixou o valor de venda que é de uns 70 sestércios a libra. Se adultera de muitos modos, o que proporciona grandes lucros às companhias”. Tito Lívio, 23, 49. T. I, p. 811: Três sociedades encarregam-se de fornecer roupas e víveres para o exército da Espanha, seus componentes se haviam enriquecido “manejando os fundos públicos”.

(24). — Estrabão, III, II, 10, p. 241 e 242: “Políbio descreve as minas de Cartagena... como todas as outras minas de prata situadas na Ibéria, cessaram de pertencer ao Estado e passaram às mãos particulares; as de ouro permaneceram, na maioria, propriedade do Estado...” Clavel (M.), *Lévêque (P.)*, *op. cit.*, pp. 327 e ss, apresentam o estudo de 23 lingotes de chumbo provenientes de Cartagena. O peso oscila entre 31 e 34 kg. Os lingotes estão estampilhados com o nome de Planii. Esta família era da Campânia vindo se instalar na Espanha no momento do *rush* para o “Eldorado Ibérico”, assinalado

Mesmo as minas de propriedade estatal eram exploradas por capitalistas que negociavam contratos de exploração (25).

As “Leis de Vipasca” (Aljustrel) (26) são suficientemente explícitas para informar como funcionava uma grande mina. A mina era propriedade de Roma e a exploração era feita por particulares; e ainda mais, esses particulares podiam agregar-se em verdadeiras sociedades por quotas, negociar as quotas, dividi-las em quinhões. Até podiam fazer um ensaio de exploração: se mostrasse ser rendosa, pagavam a taxa e continuavam o trabalho iniciado; se não fosse, abandonavam os parcos resultados e desistiam da obra encetada.

Após a batalha de Ilipa, em 207 ou 206 a. C., Roma já pensa em permanecer na Hispânia. Eis que o Senado confere a Cipião o encargo de organizar os assuntos da Hispânia e envia, a partir de 206, magistrados anuais aos povos da Península para governá-los e manter a paz. Desde este momento a Hispânia se converte em uma verdadeira colônia de exploração. O processo de romanização foi percebido por Estrabão (27). Não temos fontes para negar a existência de administradores excelentes e bem intencionados na Hispânia como foi Sem-

por Diodoro (5, 35-38). — Das minas de El Centenillo conservam-se 60 lingotes levando a marca de Publius Turellius Labeo. Blázquez (José María), *Fuentes Literarias Referentes a Minas*, in *La Minería Hispana e Iberoamericana*, León, Cátedra de San Isidoro, 1970, vol. I, p. 130.

(25). — *The Cambridge Ancient History*. Cambridge, University Press, 1933, vol. X, p. 408: “As minas na sua maioria eram propriedade estatal, porém capitalistas, freqüentemente da Itália, negociavam contratos de exploração”. Sobre a evolução da propriedade mineira: Menéndez Pidal (Ramón), *op. cit.*, t. II, pp. 337 e ss. Segundo este autor: “... el régimen durante la República fué el arrendamiento a publicanos. Se hacían los arrendamientos por cinco años...” Blázquez (José María), *Fuentes Literarias Referentes a Minas*, p. 131: no princípio da conquista os governadores das províncias dirigiam a exploração das minas e a arrecadação era depositada no erário de Roma ao finalizar o governo. Quando a produção diminuiu, por 179 a. C., a exploração passou dos censores a companhias de publicanos, o que motivou uma forte corrente emigratória de itálicos. Entre 140 a. C. e Augusto efetuou-se nas minas de Cartagena, e em outras partes, uma transformação. As explorações mineiras passaram a possesores mais ou menos estáveis, concessionários perpétuos, mas que não eram verdadeiros proprietários.

(26). — As tábuas I e III figuram na comunicação de Almeida (D. Fernando de), *Mineração Romana em Portugal*, in *Ponencias del I Coloquio Internacional sobre Historia de la Minería*. León, Cátedra de San Isidoro, 1970.

(27). — *Op. cit.*, III, 15, p. 247: “Os turdetanos, ... convertidos à maneira de viver dos romanos, ao ponto de renunciar ao uso do próprio idioma; e como, por outra parte, muitos dentre eles têm sido agraciados com o *ius latii* e por haverem recebido em suas cidades repetidas vezes colônias romanas, pouco falta hoje para que todos sejam romanos...”.

prônio Graco que fez reinar a paz, distribuiu terras aos pobres, etc. (28). Mas a dominação foi, na realidade, efetiva exploração.

Não é, pois, sem razão que a civilização romana penetrou na Hispânia com maior força que em nenhuma outra parte do Império (29).

* *
*

A mineração trouxe altos rendimentos ao erário romano.

A técnica da exploração mineira era primitiva (30), mas a abundante mão-de-obra escrava favorecia alta arrecadação. A Península Ibérica não só possuía as minas como fornecia os escravos (31).

Calcula-se que das minas de Riotinto se extraíram 60 toneladas de ouro e 4.000 toneladas de prata. Estima-se em 200 toneladas o ouro extraído das minas de Onuba (Huelva). Para ter-se uma idéia do que representam essas 200 toneladas de ouro, leve-se em conta que a totalidade de ouro extraído no mundo até 1948 se estima em 50.000 toneladas, das quais 90% se exploraram nos últimos cem anos (32).

Os quadros que acompanham este trabalho dão uma pálida idéia das riquezas extraídas das minas. Neles estão consignados dados extraídos de Tito Lívio (33), referentes ao período que se estende de 206 a. C. a 168 a. C. Evidentemente Tito Lívio não pretendeu fazer um levantamento estatístico. Cita uma chegada de ouro e de prata sempre acompanhada do nome do portador, em geral, um conquis-

(28). — Tito Lívio, *op. cit.*, 41, 4, t. II, p. 717.

(29). — Mommsen (T.), *El Mundo de los Césares*. México, 1945, p. 90. Pareti (L.), *Storia di Roma e del Mondo Romano*. Turim, 1955, vol. IV, p. 598. Blázquez, (J. M.), *Causas de la Romanización de Hispania*, in *Hispania*, Revista Española de Historia. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto Jerónimo Zurita, 1964, t. XXIV, nº. 93, 94, 95 e 96.

(30). — Está em preparo, sobre este assunto, uma comunicação que apresentaremos no IX Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História.

(31). — Balil (A.), *Riqueza y Sociedad en la España Romana*, in *Hispania*, Revista Española de Historia, XXV, nº 99, 1965, p. 346.

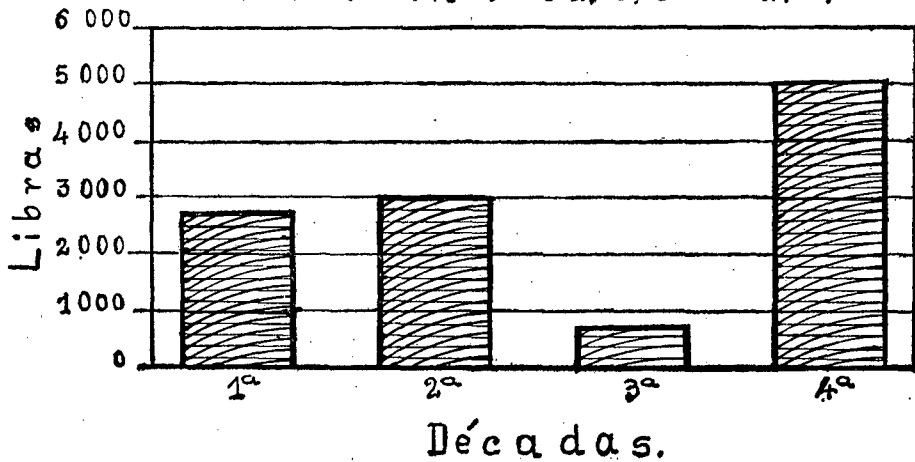
(32). — Rambaud, *Las Minas de Riotinto*. Tese doutoral na Universidade de Madri, Madri, 1965, apud José María Luzón, *Instrumentos Mineros de la España Antigua*, in *La Minería Hispana e Iberoamericana*, p. 223.

(33). — Não pretendemos discutir o valor das *Décadas* como fonte histórica, mas citaremos Pichon, (René), *Histoire de la Littérature Latine*, Paris, Hachette, 1947, pp. 312 e 313: Tito Lívio "... il puise à une double source; il procède des annalistes et de Cicéron: aux uns il prend les faits, à l'autre le style... et consulte aussi des auteurs étrangers, le grec Polybe, par exemple, ou encore Silenos..."

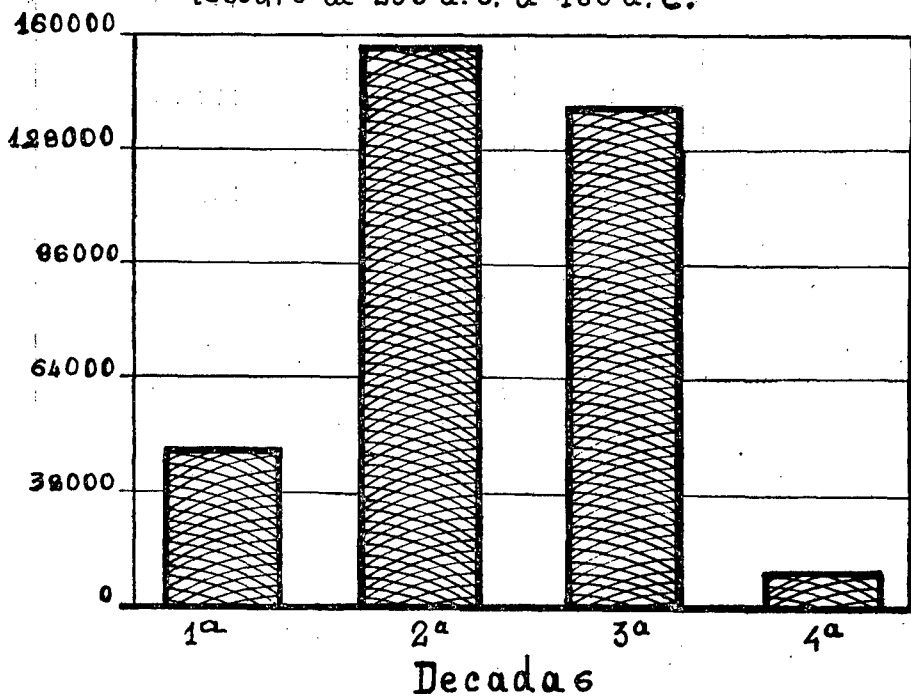
Q U A D R O 2

QUANTIDADES DE OURO E PRATA TRAZIDAS DA HISPÂNIA PARA ROMA, EM 4 DÉCADAS - 206 a.C. a 166 a.C.			
DÉCADAS	OURO (libras) [*]	PRATA (libras)	MOEDAS DE PRATA (denários)
1. ^a 206-196	2 750	59 540	Grande Quantidade
2. ^a 196-186	3 042	156 532	761 551
3. ^a 186-176	732	139 620	173 200
4. ^a 176-166	5 010	10 000	250 000
TOTAL	41 534	365 692	
* Uma libra romana = 327g			

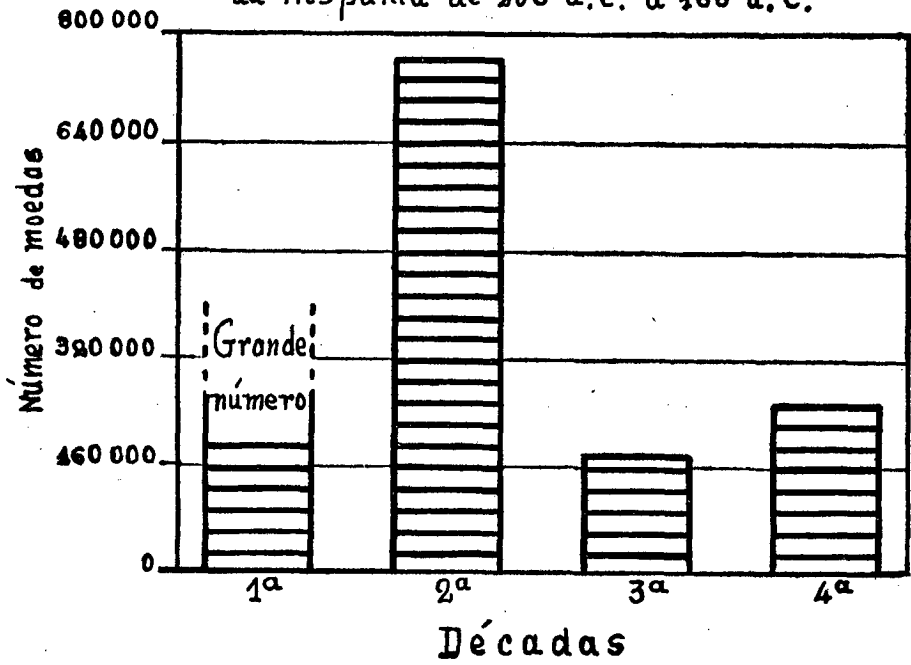
Quantidades de ouro entregues ao tesouro entre 206 a. C. e 166 a. C.



Quantidades de prata entregues ao tesouro de 206 a. C. a 166 a. C.



Número de denários de prata trazidos
da Hispânia de 206 a.C. a 166 a.C.



tador. Essas quantidades eram o produto da campanha, o botim. Roma, porém, tinha um sistema próprio de arrecadação. Sobre as remessas regulares nada se sabe. Os dados colhidos em Tito Lívio não passam de uma amostra. Aliás, por vezes, Tito Lívio não cita números; usa expressões imprecisas. Vejamos alguns exemplos.

Cipião traz a Roma 14.340 libras de prata em lingotes e “quantidade considerável” do mesmo metal cunhado (34). L. Stertínio que regressava da Hispânia Ulterior “. . . leva ao tesouro 50.000 libras de peso de prata e com o produto dos despojos fez construir arcos de triunfo. . .” (35).

Q. Fúlvio Flaco “tomou o botim e distribuiu aos soldados, cinquenta dinheiros a cada um, o duplo aos centuriões, o triplo aos cavaleiros; igual gratificação receberam os aliados e todo o exército recebeu duplo estipêndio” (36).

CONCLUSÃO.

Desde 206 a. C. a Hispânia foi para Roma uma colônia de exploração como antes havia sido para os púnicos.

Tanto o Estado Romano como particulares usufruíram das riquezas hispânicas.

As cidades anteriormente existentes na Ibéria — vivificadas pela dominação romana — e aquelas fundadas durante esta dominação, foram os centros onde se desenvolveu uma burguesia urbana de nítido matiz capitalista.

(34). — Tito Lívio, 28, 38, t. II, p. 113. Eutrópio confirma as afirmações de Tito Lívio, com a mesma imprecisão. Eutrópio, *Histoire Romaine*, III, 9 e 10. Paris, Garnier, 1934, pp. 55 e 56: “P. Cornélio Cipião toma Cartagena onde os africanos guardavam seu ouro, sua prata e seus aparelhos de guerra. Os cartagineses tinham em Cartagena seus arsenais e suas oficinas de guerra com toda uma população de operários especializados”. P. Cornélio Cipião “pela sua ação ou pela de seu irmão L. Cipião toma setenta cidades”, na Turdetânia. Note-se que esta era a região mais rica e mais culta da Hispânia.

(35). — Tito Lívio, 33, 27, t. II, p. 338.

(36). — *Ibidem*, 40, 43, t. II, p. 700. O total do botim é avaliado em 20 mil libras de prata, Blázquez, (José María), *Fuentes Literarias Referentes a Minas*, in *Ponencias del I Coloquio Internacional sobre Historia de la Minería*, p. 119.

A conquista das fabulosas riquezas hispânicas, decantadas nos *laudes hispaniae*, se concretizou mercê da exploração do homem. Destacadamente na mineração, grandes massas de escravos pereciam vitimadas por condições de trabalho desumanas.

Nunca deixaram de coexistir no mundo romano, lado a lado, diferentes áreas culturais. Encontravam-se grandes e médias propriedades, exploradas sob a forma capitalista e seguindo os ensinamentos dos “agrônomos” latinos e, pequenas propriedades. Existia a produção caseira e aquela em maior escala para o mercado. Existia o comércio à base do escambo e a economia monetária.

O afã dos analistas em registrar com abundância de detalhes o montante de ouro e prata que era canalizado para o erário público, o destaque que Tito Lívio dá às cifras colhidas nos arquivos oficiais, atestam de per si o quanto Roma estava sequiosa de riquezas hauridas na exploração da colônia hispânica.

Por sua vez, a exploração dessa riqueza mineira é razão suficiente para explicar que, apesar da grande sangria de homens, jamais os romanos pensaram em abandonar a Península.